



Roberto Cersosimo

Técnico em preservação de películas cinematográficas
da Coordenação de Documentos Audiovisuais e Cartográficos do Arquivo Nacional.

Spielberg e a Fábula da Memória

Quando *Inteligência artificial* (*A.I. Artificial Intelligence*, 2001) finalmente estreou, sua recepção não poderia ter sido mais fria. Um misto de precipitação e incompreensão caracterizou a apreensão do público e da crítica. Ansiosamente esperado, dado o encontro entre projetos cinematográficos tão distintos quanto os de Steven Spielberg e Stanley Kubrick, *Inteligência artificial* trazia, nessa inusitada parceria, todo o estranhamento que o filma gera. Era o encontro entre a precisão calculada, a violência matemática dos movimentos cuidadosamente estudados de Kubrick, com o olhar infantil, deveras esperançoso e, por muitas vezes, até um tanto piegas de Spielberg. Fato é que, apesar des-



se projeto ter sido inicialmente idealizado por Kubrick, ele só teve tempo de deixar algumas anotações de roteiro e esboços do cenário. O que se veria na tela era um autêntico exemplar do cinema de Spielberg. Muitos dos detratores de Spielberg o acusam de apelar para um sentimentalismo fácil, de que suas questões esbarram, invariavelmente, em uma certa limitação de compreensão da realidade que o cerca, ainda que seus filmes estejam sempre voltados a um universo fantástico. É como se para ele as questões pudessem ser facilmente respondidas do seio da instituição familiar, este seu porto seguro e motivação de seus personagens. Em *A.I.* não é diferente. Lá está a família, seu ideal de felicidade que



Jude Law). Imbuído da vontade de superar tudo aquilo que a tecnologia da época já havia conseguido em termos de inteligência artificial, o professor Allen Hobby, personagem de Willian Hurt, propõe a criação de uma criança que possa enfim nutrir um sentimento de amor pelo homem. Surge David, um robô criado a imagem e semelhança do filho de Allen. A sugestão de Spielberg é clara: Allen crê na possibilidade de perpetuar num robô a imagem do filho perdido. Mais um capítulo em uma busca do homem em transcender sua experiência na Terra. David é oferecido a um casal que sofre com a situação de seu filho Martin, em estado de coma profundo. Na ânsia de tentar preencher o vazio provocado pelo acidente de Martin, Monica resolve aceitar a experiência com o novo filho. A princípio, meio atordoada com a nova situação, a mãe acaba se afeiçoando ao menino e decidindo, por fim, aceitá-lo. Contudo, Martin volta de seu coma profundo e a partir daí David fica em segundo plano, já que em Martin desperta um sentimento de ciúmes. Diante da relação conturbada que se estabelece entre David e Martin, Monica é impelida pelo marido a se desfazer de David. Mas a essa altura o sentimento de David já é intenso demais, e logo após ser abandonado em

um local onde não pudesse ser destruído pela empresa que o criou, David finalmente dá início à sua saga em busca de sua fada azul, para, assim como Pinóquio, tornar-se humano e conseguir o amor incondicional de sua mãe. O primeiro ato do filme traz uma atmosfera bastante claustrofóbica, que até nos remete a *O Iluminado* (*The Shining*, 1980), de Kubrick. A relação entre David e sua mãe é repleta de um suspense que beira o cinismo. A encenação coloca o espectador sob uma tensão constante, pois nela existe uma espécie de violência em potencial.

Logo após ser abandonado pela mãe, David é capturado por caçadores de “Mecas” (abreviação para *mechanic*) e levado a um espetáculo que nos remete às arenas romanas, onde se travavam lutas que revelavam um certo prazer fetichista com a violência. Na atualização de Spielberg para os espetáculos de execução pública, os robôs têm um fim trágico, pois são destruídos num ritual que evoca uma reprovação da artificialidade. O medo de que, em algum momento, os robôs tomassem por completo o lugar dos homens, constituía o motivo pelo qual as máquinas deveriam ser destruídas. Mas o curioso é que o homem que concebe a máquina é o mesmo que renega sua criação, que no futuro será o único vestígio



tória de sua máquina, como o descaso com a guarda da nossa memória pode servir para que nossa passagem por aqui seja de total desconhecimento das civilizações futuras. É muito irônico que, em um determinado momento, os homens estivessem muito preocupados em destruir o que de fato viria a ser a prova de sua existência. Não sobrou memória alguma de nossa era, a não ser a máquina programada para amar. Mas a constatação de que tudo aquilo que construímos havia se perdido não era suficiente. Era preciso apontar uma saída. Era necessário que, de alguma forma, nos convencessemos da importância de cada peça na reconstrução da nossa história. O E.T. explica a David que eles só poderiam trazer alguém de volta à vida por apenas um dia, pois nosso corpo traz consigo um código espaço-temporal específico, sendo impossível que um mesmo corpo desfrutasse de duas existências. Mas, para que eles possam, enfim, oferecer a David um último momento ao lado de sua mãe, é necessário alguma parte do corpo que contenha o código genético, onde estão as informações que caracterizam cada um de nós. E então, Teddy, o grilo falante da fábula montada por Spielberg, oferece ao espectador a chave do problema. O superbrinquedo (que ao longo do

filme é o robô que de fato apresenta a inteligência artificial, já que é o único que possui um instinto aguçado de sobrevivência e a todo momento é a voz que avisa David sobre os perigos de suas ações) guardou consigo um pouco de cabelo da mãe. A resposta está no ato de guardar, de preservar, numa espécie de premeditação de que em algum momento aquela amostra de cabelo poderia servir para algum fim. E serviu para reconstituir uma vida, mesmo que por um único dia. O que para muitos soou como mais uma evidência da incapacidade de Spielberg de ir a fundo nas questões (como o dilema moral pronunciado no início do filme, sobre a obrigação do homem de amar a máquina, ao qual Willian Hurt responde com uma lacônica observação sobre a criação do homem), revela-se um subtexto bastante interessante no que diz respeito à memória e ao quão importantes são os esforços em preservar os elementos que num futuro serão fundamentais para que nossa passagem pela Terra possa ser entendida. Guardar e preservar são atitudes de afirmação de que existimos, do que fomos e do que produzimos. Spielberg parece perceber isso. Para ele, um fotograma reconstrói um filme, um manuscrito uma civilização, um fio de cabelo a vida.